

# Os brasileiros na Bienal

A SELEÇÃO da representação brasileira na IV Bienal foi seguida de muitas discussões e muitas reclamações, mais ou menos justificadas. Mas somente agora, depois de ter visto os bra-

MARC BERKOWITZ

do uma pintura sumamente pessoal, baseada num excelente conhecimento de seu "métier", e na humildade do bom artista perante a sua arte. Já o júri de

A escultura brasileira, como sempre, deixa muito a desejar. Achei o Primeiro Prêmio concedido a Franz Weissmann muito justo, mas não acredito que nes-

gresso — as suas "Formas" em pedra, mármore e alumínio apresentam soluções felizes. E Bruno Giorgi, o premiado da segunda Bienal, mantém a sua classe de sempre.

Não concordo com o prêmio em desenho, dividido entre Wega Nery Gonçalves Pinto e Fernando Lemos. Os desenhos de Wega têm uma certa graça ocasional, e os desenhos de Lemos parecem bastante ocasionais também — já tenho visto coisas bem melhores dele. Achei muito bons os trabalhos de Yolanda Mohalyi, e os de Aldemir Martins. Para mim são esses os dois melhores desenhistas entre os brasileiros, e confesso que os outros não me despertaram maior interesse.

Vendo os trabalhos dos pintores brasileiros, e conversando com alguns dos membros estrangeiros do júri, me lembrei da experiência que fiz em Buenos Aires. Cheguei ali já depois do encerramento da exposição brasileira, mas tirei um imenso proveito falando com muitos artistas, críticos e intelectuais argentinos a respeito da exposição. E aí eu vi que para nós, que vivemos em contato direto com a maioria dos artistas daqui, que seguimos a evolução de sua obra, é quase que impossível julgar a sua importância objetivamente e sem afetividade. Fiquei pasmado quando vi que em Buenos Aires os trabalhos de Portinari, de Guignard, de Volpi, e de vários outros que consideramos figuras que se não tinham causado impressão. Todos tinham gostado de Bandeira, apesar de se tratar de seus trabalhos relativamente antigos, todos tinham demonstrado grande interesse em Tarsila, em Paulo Becker, em Krajcberg. Vi a importância de por vezes enxergar com os olhos dos outros, para conseguir obter uma certa distância. Senti isso

de novo nas conversas com o pessoal de fora.

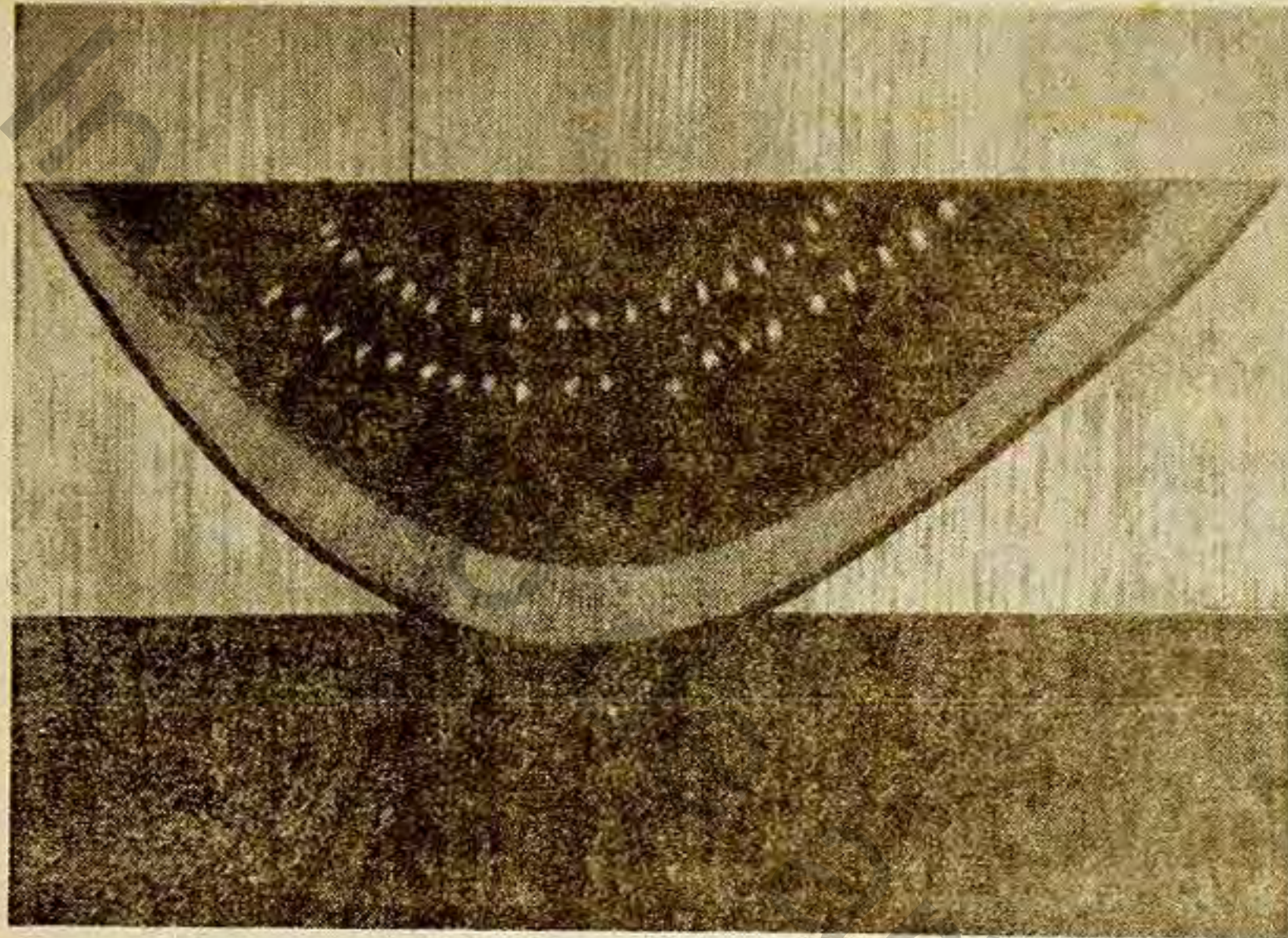
O concretismo em geral não despertou o mínimo interesse, todos o consideravam uma experiência superada há muito tempo, e todos estavam admirados de que no Brasil ainda havia artistas que se dedicavam a ele. O que eu pessoalmente achei pior foi que, entre os muitos que se dedicam à abstração geométrica, não consegui descobrir um artista que pudesse ser considerado de interesse excepcional. Lygia Clark, a quem Maria Martins concedeu um Prêmio do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, certamente fez progressos técnicos nos últimos tempos. Os trabalhos de Aluísio Carvão achei decepcionantes, principalmente na cor. As telas de Ivan Serpa denotam um fôlego maior, mas dentro de suas pesquisas atuais há uma falta de vitalidade e de envergadura que produzem monotonia. É um prazer encontrar artistas como Krajcberg, Oteiza, Kline, e outros, que não se contentam com fórmulas solucionadas por outrem, e que não tem medo de dar livre expansão a sua personalidade.

De grande sensibilidade são os trabalhos de Maria Leontina, especialmente um que tem um fundo negro. Maria Leontina é uma pintora que sabe criar um mundo que é seu, e sabe levar-nos para viver um pouco dentro dele. Bons também os trabalhos de Milton Dacosta, denotando pesquisas muito sérias. Apesar de uma certa repetição das formas e da composição, os trabalhos de Dacosta, pequenos em tamanho, nunca perdem o seu sentido monumental.

Tereza Nicolao estreou de maneira muito auspiciosa no Salão Nacional de Arte Moderna do ano passado. Mas tenho a impressão que o seu sucesso talvez tenha sido um pouco fácil demais: os seus trabalhos atuais são repetições dos mesmos temas, mas sem o espírito de procura e de pesquisa plástica que possa justificar essa repetição.

A representação do Brasil não apresentou nada de novo, nem fez surgir novos valores — é que os novos para a Bienal já tinham surgido no Salão Nacional. Mas veio provar, mais uma vez, que o forte do Brasil parece ser mesmo a gravura, e que, de maneira geral, o nível das artes plásticas no Brasil não é tão baixo como muitos dizem. Espero que talvez na próxima Bienal o Brasil esteja representado de maneira mais homogênea e equilibrada. Melhor é ter menos artistas, mas cada um com um número maior de trabalhos, o que permitirá aos membros estrangeiros do júri de premiação de entrar em contato mais autêntico com os artistas nacionais.

Uma referência especial deve ser feita às duas salas especiais do Brasil: uma a da retrospectiva do escultor Victor Brecheret, falecido no ano passado, outra a retrospectiva de Lasar Segall, falecido há poucas semanas. Ambos mereceram plenamente essa homenagem.



"Melancia", desenho de Aldemir Martins

sileiros na Bienal, é que se pode chegar a uma conclusão a respeito do critério adotado pelo júri de seleção. Pessoalmente acho que, de maneira geral, o júri agiu bastante acertadamente. Conheço os trabalhos de quase todos os artistas que foram recusados, e acho que realmente os trabalhos de Saldanha, de Schaeffer, de Becker, as últimas esculturas de Felicia Leirner, tenham feito falta na representação brasileira. Como também sou de opinião que poderiam ter sido cortados trabalhos de Willys de Castro, de Waldemar Cordelero, de Douchez, e de vários outros, que nada fizeram para elevar o nível geral da representação brasileira, e que ao contrário, representados por apenas um trabalho, aumentaram a confusão. De maneira geral, parece-me contraproducente mostrar apenas um trabalho de cada artista numa enorme exposição coletiva como a Bienal. Acho que se o artista não merece ser representado por pelo menos três trabalhos, seria melhor eliminá-lo logo de uma vez.

Mas de maneira geral a representação brasileira está bastante bem equilibrada, com alguns trabalhos até excelentes, e perfeitamente capaz de ficar ao lado da maioria das representações que vieram do exterior.

A premiação dos brasileiros — com exceção do desenho — foi muito justa. Há algum tempo já, que digo e escrevo que em Frans Krajcberg o Brasil adquiriu um artista de estatura internacional. Longe de grupos e copelinhos, Frans Krajcberg tem percorrido o seu caminho ascendente, fazen-

premiação do último Salão Nacional de Arte Moderna tinha reconhecido isso, e o júri internacional da IV Bienal confirmou essa opinião dando a Krajcberg o Primeiro Prêmio em Pintura. Esse prêmio foi concedido por quase unanimidade — quinze votos contra um — e vários membros estrangeiros do júri, como também vários artistas estrangeiros que visitam a Bienal, declararam que a pintura de Krajcberg foi a que mais os impressionou entre os brasileiros. O mesmo se pode dizer a respeito de Fayga Ostrower, que recebeu o Primeiro Prêmio de Gravura. Aqui também se trata de uma artista de estatura internacional, e que acaba de obter um enorme sucesso com sua exposição de Montevideu. Aliás, como também nas Bienais anteriores, o Brasil brilha com a sua seção de gravura. Além de Fayga Ostrower temos Rossini Perez, representado por sete gravuras em metal de um nível técnico e artístico muito elevado. Ana Letycia, a revelação do último Salão Nacional, foi também a revelação entre os gravadores brasileiros da Bienal — fato que o júri de seleção soube reconhecer muito bem, aceitando sete trabalhos da jovem gravadora. Arthur Luiz Piza, que para mim foi a grande revelação entre os brasileiros da segunda Bienal, dá provas de seu grande talento com cinco excelentes gravuras sobre metal. Boas são também as gravuras de Edith Bhering, artista de grande sensibilidade, e de João Luiz Chaves, um pouco frio e calculado, mas gravador de grandes recursos.

sa Bienal Weissmann esteja muito bem representado. A fria e despojada beleza de seus trabalhos já encontrou uma expressão melhor em outras obras suas. Sérgio Camargo, Moussia Pinto Alves e Mario Cravo estão representados por um trabalho apenas, o que absolutamente não permite julgar o valor de um artista. Achei que os trabalhos de Zélia Salgado denotam pro-



Pintura de Franz Krajcberg

PARA TODOS

ANO II nº 33/34

29 QUINZ. Setembro/  
1ª QUINZ. Outubro/1957